



NARRATIVAS MUDIÁTICAS INDEPENDENTES: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A COBERTURA REALIZADA PELA MÍDIA NINJA NAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

BENITES, Marcello Riella

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem (PPGCL) da
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)*
marcellobenites@hotmail.com

COLOMBO, Cristiano da Silveira

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem (PPGCL) da
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)*
cristiano.colombo@gmail.com

MOURA, Sérgio Arruda de

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem (PPGCL) da
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)*
arruda.sergio@gmail.com

509

Resumo

O presente trabalho é uma revisão bibliográfica dos artigos acadêmicos produzidos acerca do grupo Mídia Ninja (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação) e temas ligados às narrativas midiáticas independentes (NMI) na internet. O grupo destacou-se nas manifestações de junho de 2013 no Brasil por disseminar nas redes sociais uma cobertura dos protestos engajada, “ao vivo e sem cortes”, em meio aos embates, que surpreendeu o jornalismo convencional. Vamos revisar temas clássicos da internet e considerá-la como esfera pública de deliberação democrática. Abordaremos a apropriação das tecnologias midiáticas pelos movimentos sociais, e também os “nativos digitais” como protagonistas e os mais aptos a produzir conteúdo nas redes. A prática e a deontologia jornalísticas se vêem “em crise” e pressionadas a reformular sua identidade e discurso diante do fenômeno das NMI.

Palavras-chave: Narrativas midiáticas independentes, Jornalismo, Mídia Ninja

Abstract

This paper is a literature review of academic articles written about the Ninja Media group (Independent Narratives, Journalism and Action) and subjects related to independent media narratives (IMN) on the internet. The group stood out in demonstrations in June 2013 in Brazil for spreading on social media coverage of the protests engaged, "Live and Uncut", among clashes, which surprised the conventional journalism. We review the classic themes of the internet and consider it as a public sphere of democratic deliberation. Discuss about the appropriation of media technologies by social movements, and also the "digital natives" as protagonists and the most able to produce content in the networks. The practice and journalistic ethics are seen "in crisis" and pressed to reformulate their identity and discourse because of the phenomenon of IMN.

Key words: Independent media narratives, Journalism, Media Ninja



INTRODUÇÃO

As manifestações ocorridas a partir de junho de 2013 – que chamaremos também de “Jornadas de Junho” –, em cidades de todo o País foram um marco para o jornalismo brasileiro, entre outros motivos, devido ao impacto causado pela cobertura dos acontecimentos por parte do grupo Mídia Ninja (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação¹). Sem vínculos com os grandes meios de comunicação, o grupo, por vezes, superou o jornalismo convencional – questionando-o e colocando-se como alternativa a ele. E realizou uma cobertura diferente daquela feita pela grande mídia, que ia na linha de tachar os protestos como atos de vandalismo e até mesmo de criminalizar os manifestantes. Os veículos de comunicação tradicionais se viram, inclusive, em alguns momentos, obrigados a reformular sua linha de cobertura após o Ninja mostrar, por exemplo, policiais atendo fogo às próprias viaturas para culpar manifestantes (ERTHAL, 2014). Por conta dessa postura, a Mídia Ninja tornou-se tema de significativo número de artigos acadêmicos.

Tal interesse ocorreu não só pelo impacto sobre o jornalismo como também por ter sido a ação do Mídia Ninja emblemática de tantos comportamentos resultantes da apropriação da tecnologia por pessoas e grupos que não integram os meios de comunicação tradicionais e tornam-se produtores e divulgadores de informação. Entre outras denominações já utilizadas, chamaremos este fenômeno mais amplo de “narrativas midiáticas independentes” e lhes atribuiremos a sigla NMI. O presente trabalho tem como objetivo principal fazer uma revisão bibliográfica sobre determinada amostra do material acadêmico produzido sobre o Mídia Ninja

¹ O Mídia Ninja, lançado em março de 2013, durante o Fórum de Mídia Livre em Túnis (DINIZ, 2013), foi criado pelo jornalista Bruno Torturra e pelo fundador do Circuito Fora do Eixo, Pablo Capilé. Trata-se de um coletivo brasileiro de produção e divulgação de vídeos noticiosos, que cobre temas ligados aos movimentos sociais. As transmissões são via redes sociais. Com “seu modelo de transmissão dos acontecimentos ‘sem corte e sem censura’, ao vivo direto das ruas”, e com transmissões via celulares e dispositivos 4G, o grupo chegou a ultrapassar a audiência de 100 mil espectadores no auge das Jornadas de Junho (MAZOTTE, 2013). O Ninja foi criado a partir da Pós TV, uma rede de transmissões ao vivo pela internet. Em sua página no Facebook, a PosTV (diferentes grafias do nome são apresentadas pelos próprios perfis oficiais) afirma ser “a verdadeira TV aberta. Onde não existe censura, as pessoas falam livremente e não se depende de patrocínio, o patrocinador é o povo, as entidades e os movimentos sociais” (<https://www.facebook.com/canalpostv/info>, último acesso em 21/09/2014). A PosTV, por sua vez, é vinculada ao Circuito Fora do Eixo (FdE). Fundado em 2005 por Capilé (ERTHAL, 2014), o FdE, que se define como uma “rede de coletivos culturais”, destacou-se por abrir espaço para divulgação do trabalho de músicos com dificuldades de acesso ao mercado fonográfico. Mesmo contendo a palavra “jornalismo” em sua sigla, o Ninja contraria um dos pressupostos fundamentais da deontologia do jornalismo, que **se pretende** uma prática de reportagem objetiva dos fatos, sem adesão a qualquer das partes envolvidas. De fato, os representantes do grupo, com frequência, participam dos protestos sem diferenciar seus papéis, como repórteres, de suas ações como manifestantes.



e temas correlacionados às NMI. As menções a estudiosos das ciências humanas, políticas e da comunicação; da filosofia, da linguagem, do jornalismo, da tecnologia e da educação marcam a interdisciplinaridade da nossa pesquisa.

Para melhor contextualizar e analisar o material, dividiremos os títulos dos artigos pesquisados em cinco itens: 1) Conceitos fundamentais. 2) Democracia e internet; 3) Midialivrismo ciberativista; 4) Apropriação tecnológica; 5) Mídia Ninja. Em “Conceitos fundamentais”, baseados em autores clássicos, abordaremos a noção de “virtual” (LÉVY, 1997), a “lógica de redes” (CASTELLS, 1999) e a construção da identidade dos “atores” das/nas redes sociais (RECUERO, 2009). Em “Democracia e internet” os temas serão a web como esfera pública, espaço de debate e deliberação; e a apropriação da internet como espaço público pelos movimentos sociais. No item “Midialivrismo ciberativista”, os estudos inserem as narrativas midiáticas independentes no contexto da comunicação alternativa, apontam marcos iniciais das NMI e conclamam os ativistas dessas narrativas, em tom até de manifesto, para uma ação integrada.

Já no item “Apropriação tecnológica”, estudaremos um artigo que analisa as possibilidades libertadoras da apropriação das tecnologias de comunicação por pessoas e grupos em oposição à visão do saber tecnológico como ferramenta de dominação midiática. Finalmente, o item “Mídia Ninja” é o primeiro dos subtítulos restantes do presente artigo. Eles contextualizam as NMI dentro do fenômeno do “jornalismo pós-industrial”, como vem sendo entendida a imprensa atual, fortemente pressionada pelo advento do “usuário produtor/divulgador de informação”; e comparam as coberturas jornalísticas convencionais com a da Mídia Ninja; além de identificar as ações do grupo com modos de fazer e estratégias detectados pelos autores em iniciativas semelhantes noutros países.

Da leitura dos textos integrantes da revisão bibliográfica que propomos, resulta não só uma apreensão amplificada do caso “Mídia Ninja” como também uma das possíveis fotografias do fenômeno cultural histórico que o envolve: o advento das narrativas midiáticas independentes na internet. Nesse cenário aparecem a democracia e a militância alteradas em suas práticas devido ao impacto da tecnologia; o novo protagonismo assumido (ou não) pelo cidadão comum produtor de conteúdo; o jornalismo convencional que precisa se reinventar para fazer frente e participar dos dois processos anteriores.



1. CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Passamos agora a percorrer autores que têm desmistificado, esclarecido e legitimado a grande rede de computadores como objeto de estudo em abordagens filosóficas, sociológicas e comunicacionais. Em chave filosófica, Lévy (1996) desmistifica: o “virtual” – como o senso comum passou a denominar o que ocorre para além dos monitores de computador – não se opõe ao real e, sim, ao “atual”. Por exemplo, um arquivo PDF enviado com cópia a muitos destinatários permanece virtual até ser *atualizado* “n” vezes, em “n” computadores para os quais foi transmitido; o que pode também não ocorrer, em parte deles e, no limite, em todos. Nesse (s) caso(s), então, não houve atualização: o PDF manteve-se “em potência”, permaneceu virtual. O filósofo francês estabelece a distinção entre os pares “possível-real” (mundo fora das redes de computador) e “virtual-atual”, e explica ainda que a virtualização é também o próprio processo histórico e imemorial da criação da cultura: hominização e heterogênesse (LÉVY, 1996). E as NMI, que estamos estudando, com seus impactos políticos e culturais, são mais uma legitimação do virtual como não oposto ao real.

O aporte sociológico de Castells (1999) nos esclarece sobre as características principais do que ele chama de “novo paradigma tecnológico” – não entrando aqui na polêmica sobre o chamado “determinismo tecnológico” – e que nos parecem observáveis nos fenômenos das NMI. Tais características seriam: 1) *informação como matéria-prima*, elaborada e divulgada por dispositivos tecnológicos; 2) *penetrabilidade dos efeitos da tecnologia* em todos os âmbitos da atividade humana; 3) *lógica de rede/redes*, estruturas mínimas com entradas e saídas por todos os lados, capazes de se conectar/desconectar a qualquer momento com outras redes indefinidamente; 4) *flexibilidade*, com processos reversíveis, total capacidade de reconfiguração e fluidez organizacional; 5) *convergência de tecnologias* num sistema altamente integrado, onde fica praticamente impossível a distinção entre tecnologias específicas.

Castells (1999) afirma ainda que essas características podem constituir forças libertadoras mas também representar tendências repressivas, num questionamento ao qual Maia (2000) também fará coro mais adiante. Chamamos a atenção, entre as características mencionadas acima pelo autor espanhol, para a característica da *lógica de redes*, aplicável tanto aos dispositivos tecnológicos quanto às redes sociais da internet. E essa lógica tão *aberta* e



capilar é um dos fatores do forte impacto das NMI. Já a jornalista e professora da Universidade Federal de Pelotas, Raquel Recuero, legitima, num viés comunicacional, como objeto de estudo, um elemento central: para ela, ao falarmos de redes sociais, merecem ênfase especial aqueles que ela chama de “atores”:

São o primeiro elemento da rede social, representados pelo nós (ou nodos). (...). Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais. Quando se trabalha com redes sociais na Internet, no entanto, os atores são constituídos de maneira um pouco diferenciada. Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis (RECUERO, 2009, p 24).

Neste caso, estamos falando de representações dos atores sociais, ou de elaboração da identidade desses atores no ciberespaço². As narrativas midiáticas independentes são, por excelência, um resultado da consolidação da identidade desses atores de que fala a autora.

2. DEMOCRACIA E INTERNET

2.1 Esfera pública virtual

Vamos agora lançar mão da reflexão de Maia (2000) sobre internet como esfera pública no sentido de Jürguen Habermas. A autora examina as características da internet enquanto “esfera pública virtual”. Investigando a maneira por meio da qual as novas tecnologias da comunicação e informação criam modalidades inéditas de interação comunicativa, ela procura legitimar a internet como “esfera pública” de acordo com a definição do filósofo alemão. De forma crítica, porém, não associa “deterministicamente” tal potencial com a revitalização de instituições e práticas democráticas (MAIA, 2000). E lança a pergunta: “É a internet um instrumento de democratização?”

Segundo Maia (2000), Habermas “busca construir um conceito de esfera pública a-histórico, não datado, ‘como um fenômeno social elementar, do mesmo modo que a ação, o ator, o grupo ou a coletividade”.

² “Novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” cuja a infraestrutura são as tecnologias digitais (LÉVY, 1997).



A teoria de democracia deliberativa habermasiana é construída em dois planos. Há uma distinção e descrição normativa (a) do processo informal da formação da vontade na esfera pública e (b) da deliberação política, a qual é regulada por procedimentos democráticos e é orientada para a tomada de decisão em sistemas políticos específicos. Estas são duas dimensões dependentes. Em uma sociedade descentrada, a soberania popular procedimentalizada, ligada às esferas públicas periféricas, e o sistema político encontram-se intimamente associados (MAIA, 2000)

Maia (2000) caminha no sentido da legitimação da internet como esfera pública, entre outros motivos por oferecer “uma grande variedade de informações, não apenas material de origem oficial”, reduzir “os custos da participação política” e permitir “envolver diferentes parceiros de interlocução desde a troca de *e-mails* numa base cidadão-cidadão” (MAIA, 2000). E abre-se espaço para uma identificação das NMI com o conceito de esfera pública quando a autora afirma que Habermas propõe, entre os tipos de esfera pública, a **esfera pública abstrata, produzida pela mídia (leitores, ouvintes e espectadores singulares e espalhados globalmente)**”.

Nossa leitura, a partir daí, é que as NMI se enquadram no que o filósofo frankfurtiano chamaria de “esfera pública abstrata”. Legitimada essa concepção de internet como esfera pública, resta-nos lembrar, a ressalva feita pela pesquisadora, acenada anteriormente: a internet, “apesar de abrir as possibilidades para uma comunicação mais horizontal (...) pode ser utilizada de forma altamente hierárquica, reproduzindo padrões autoritários de comunicação de grupos sectários e xenofobistas” (MAIA, 2000). A autora cita como exemplo um caso em que a rede propiciou o fortalecimento de grupos nazistas em Berlim.

2.2 Democracia e apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais

Cabe agora a citação de um estudo que registra a apropriação dessa “esfera pública virtual” pelos movimentos sociais no Brasil. Muitos desses movimentos tiveram suas reivindicações lançadas nas Manifestações de Junho, viralizadas nas narrativas midiáticas independentes e, especialmente, galvanizadas na ação da Mídia Ninja. Mittman (2009) registra o caso da utilização de sites por três movimentos específicos, evidentemente (pela data da publicação), antes das jornadas do ano passado. Não nos referimos aqui a esses três



movimentos mas à linha geral traçada pela autora que nos parece ilustrar bem o processo de apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais em geral.

De acordo com a pesquisadora da UFRGS, “o ciberespaço se oferece aos Movimentos Sociais como mais um lugar de manifestação daquilo que é silenciado na grande mídia. Porém, essa oferta tem também suas exigências”. Ela afirma que não basta aos movimentos apenas apropriar-se de determinada ferramenta, mas eles devem também ter certa habilidade, saber usar adequadamente o hipertexto³ e as possibilidades proporcionadas pela internet (MITTMAN, 2009). Como veremos adiante, um dos trunfos da Mídia Ninja foi a habilidade “artesanal” com que seus integrantes conectaram notebooks e telefones celulares (como câmeras e dispositivos de transmissão) às redes sociais.

Vale ainda o registro da autora de que o movimento social pioneiro a fazer uso do ciberespaço foi o Exército Zapatista de Libertação Nacional, que em seu manifesto de 1994 afirmava: "Aprendamos a ganhar espaços. As mídias não podem tudo. Busquemos a tecnologia e o poder: a superestrada da informação como caminho da liberdade. Máquinas a favor dos povos. O conhecimento é poder, poder para nós (MITTMAN, 2009).

3. MIDIALIVRISMO CIBERATIVISTA

O artigo de Parente (2014), publicado no XXIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) realizado em maio na capital paraense, insere as narrativas midiáticas independentes no quadro da comunicação alternativa no Brasil e menciona a Mídia Ninja.

é inegável que estão ainda mais fortes os embates entre a mídia tradicional e as iniciativas alternativas, usando a internet como ferramenta na disputa pela construção de narrativas. Neste cenário, ganham destaque termos como ciberativismo e midialivrisimo, que nos trazem um questionamento sobre a relação que mantêm com as manifestações de comunicação alternativa – e suas variadas denominações como comunitária, popular, radical (...). (PARENTE, 2014).

³ Novo sistema de organizar informações “fundamentado em remissões horizontais” o hipertexto – nome dado por Ted Nelson (CASTELLS, 1999) é “constituído de nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e de ligações entre esses (referências, notas, indicadores, ‘botões’, que efetuam a passagem de um nó a outro” (LÉVY, 1996)



Segundo a professora da Faculdade Maurício de Nassau, de João Pessoa, ao analisar o fenômeno atual das NMI no nosso país, é necessário considerar a história recente da comunicação alternativa e “também a conjuntura política, já que, no Brasil, após o fim dos regimes ditatoriais em meados de 1980, enfrentou-se um apaziguamento nas lutas políticas” (PARENTE, 2014, p 3). Ela afirma que as jornadas de junho de 2013 demonstram, entretanto, a insatisfação popular, a atualidade do tema e importância da discussão. “Afinal, foi o uso da internet como ferramenta alternativa aos veículos tradicionais que propiciou não somente a mobilização, como a cobertura e a discussão paralelas à mídia convencional” (PARENTE, 2014, p 4).

Faz-se necessário, como afirma Ivana Bentes no prefácio do livro ‘A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais’, “reposicionar e analisar as conexões entre o mundo digital e analógico, as redes digitais e a multidão nas ruas, a linha que conecta a contracultura, as lutas antidisciplinares dos anos 60 e 70, a cultura digital, o ativismo *hacker*, as narrativas midiálicas [...]. É inegável que estão ainda mais fortes os embates entre a mídia tradicional e as iniciativas alternativas de comunicação, usando principalmente a internet como ferramenta, na disputa pela construção de narrativas. Neste cenário ganham destaque termos como ciberativismo, midiálicismo, net-ativismo, que nos trazem um questionamento sobre a relação que mantêm com as manifestações de comunicação alternativa – e suas variadas denominações como comunitária, popular, radical - em outro contexto histórico (PARENTE, 2014, p 4).

Como exemplos precursores internacionais das narrativas midiáticas independentes, a pesquisadora cita as manifestações potencializadas pelas redes sociais e que aconteceram em diversos países como Grécia e Chile e, em especial, a Primavera Árabe, e o *Occupy Wall Street*, nos EUA, bem como o surgimento, ainda antes, do Centro de Mídia Independente, em Seattle, também nos Estados Unidos. Citada acima por Parente (2014) e entusiasta das NMI, a professora Ivana Bentes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é coautora do editorial da edição números 25-26 da revista Lugar Comum, publicada em 2008, que contém uma espécie de manifesto do midiálicismo, inclusive, com o sugestivo título de “Midiálicistas, Uni-vos!”:

A comunicação é um campo de batalhas. Nela, o *status quo* se faz consenso. Nela, os grupos minoritários disputam espaço, chamando atenção para os silêncios da fala hegemônica. Na história do Brasil, não faltam exemplos deste combate. (...) Com o advento da internet, surgiram também atores sociais que, por vezes de maneira desprezível, aumentam a pluralidade de culturas, visões e desejos no universo midiático. Todo cidadão torna-se um potencial produtor de conteúdo, e a associação em coletivos de interesses comuns



intensifica-se. A mídia livre é um conceito antigo e consolidado, ainda que assuma diversas roupagens. A cultura digital apenas a colocou em evidência (BELIZÁRIO et al., 2008).

A título de definição e distinção, podemos dizer com Parente que existe o “midialivrismo de massa” e o “midialivrismo ciberativista”. O primeiro “reúne experiências de movimentos sociais organizados que produzem mídias comunitárias e populares, de dentro do paradigma da radiodifusão”. Tais experiências se afirmam como práticas da sociedade civil, alternativas e em oposição à grande mídia ligada a grandes grupos empresariais nacionais e internacionais de comunicação (MALINI e ANTOUN apud PARENTE, 2014).

E a vertente digital do midialivrismo é o “midialivrismo ciberativista”, que

reúne experiências singulares de construção de dispositivos digitais, tecnologias e processos compartilhados de comunicação, a partir de um processo de colaboração social em rede e de tecnologias informáticas, cujo principal resultado é a produção de um mundo sem intermediários da cultura, baseada na produção livre e incessante do comum, sem quaisquer níveis de hierarquia que reproduza exclusivamente a dinâmica de comunicação um-todos (MALINI, ANTOUN apud PARENTE, 2014).

4. APROPRIAÇÃO TECNOLÓGICA

Abordaremos agora a questão específica da apropriação tecnológica, a utilização das tecnologias tanto por grandes grupos de comunicação como por indivíduos e coletivos. Urquidi (2004) apresenta um estudo que, mesmo não ignorando a tendência do uso das tecnologias de comunicação com fins de dominação, reconhece significativa autonomia no uso das mesmas por pessoas ou coletivos na resistência e na luta por interesses não dominantes.

Num contexto de desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e de popularização dos recursos da informática, afirma-se que as possibilidades de relacionamento e intercomunicação social cresceram a ponto de contradizer antigas posturas sobre o papel dos meios de comunicação e a transformação dos seus recursos em ferramenta de dominação. Garante-se que as novas tecnologias permitiram à população se *apropriar* destas ferramentas sem, contudo, definir-se claramente o que se deseja significar com esse novo conceito (URQUIDI, 2004).

A autora rejeita, assim, uma aceitação acrítica do conceito de apropriação que em certos setores do meio acadêmico atingiu significativo consenso. Revisita, então, teóricos os quais alertaram para o fracasso do projeto moderno que previa – com o iluminismo e o progresso



tecnológico –, a felicidade humana longe da dominação e na conquista do bem-estar, para que as pessoas pudessem fruir o belo e a harmonia social. Ela recorda, por exemplo, a denúncia de Jean Baudrillard contra a mídia contemporânea: “na busca desse progresso, o que havia de conteúdo social foi substituído por uma massa inócua e vazia de pessoas deslumbradas pelos artifícios da tecnologia” (URQUIDI, 2004). E afirma que, segundo ele, a mídia teria iniciado certa produção de “simulacros” que ao invés de harmonizar a realidade, geravam certa “hiperrealidade” deletéria.

Mas Urquidi leva também em consideração, as investigações de teóricos da recepção e dos estudos culturais como Jesús Martín-Barbero e, mencionando-o, afirma:

Nos meios de comunicação e pelos recursos das novas tecnologias não se reproduzem, apenas, as ideologias, mas também se faz e se refaz a cultura das maiorias. Não somente se comercializa alguns formatos, mas se criam e recriam as narrativas onde se entrecruzam o imaginário mercantil e a memória coletiva. A comunicação não é apenas o local da hegemonia, mas o cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários desde os que a gente representa ou os que teme, o que tem direito a esperar, seus medos e suas esperanças (URQUIDI, 2004).

Comparando os dois feixes de visões opostas sobre a tecnologia, a autora questiona a previsão de que a popularização dos dispositivos (com a queda de preços) garanta, de forma universalizante, uma *nova primavera* de conquistas sociais capitaneadas pela tecnologia. Ela, entretanto, não cede ao fatalismo de que a posse dos meios de produção das novas tecnologias assegure vantagens absolutas aos setores dominantes; ao passo que a atual situação abre brechas para que cada pessoa e também os coletivos mostrem a sua capacidade de transformação da realidade pela apropriação das possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias.

5. MÍDIA NINJA

Passamos agora a destacar o impacto das narrativas midiáticas independentes sobre a mídia convencional, particularmente, o papel da Mídia Ninja, que levou perplexidade aos grandes meios de comunicação brasileiros na cobertura das Jornadas de Junho. Erthal (2014) contextualiza esse impacto no contexto da indústria da informação “surpreendida por um novo fazer jornalístico, considerado por pesquisadores da Universidade de Columbia como o modelo



pós-industrial do jornalismo”. Ela refere-se ao estudo “Jornalismo Pós-industrial: Adaptação aos Novos Tempos”, publicado em 2012, por C.W. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky.

De acordo com esse modelo, o leitor passa a ter a função de produtor de conteúdo; o jornalista passa a ter a função de curador de conteúdo; a credibilidade não tem a ver com qualidade de imagem; a reputação da mídia pode estar em risco por seus interesses diversos; a conexão generalizada conduz a informação de forma cada vez mais descentralizada pelas redes; e, assim como nas viradas das grandes eras, não se sabe ao certo a que ponto seremos conduzidos a partir dessas mudanças (ERTHAL, 2014)

A autora lembra como, nas manifestações de junho de 2013, a cobertura convencional foi afetada pelos registros da mídia independente. Enquanto o telejornal de uma grande emissora mostrava a Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, repleta de manifestantes a partir de helicópteros, pessoas sem qualquer formação técnica ou jornalística – entre elas, os ciberativistas da Mídia Ninja – transmitiam o que acontecia na rua em meio aos protestos e ameaçadas pelas ações repressivas da polícia. Enquanto “as imagens editadas de vandalismo aos prédios públicos eram publicadas apenas no dia seguinte nos telejornais e jornais impressos”, por meio dessas transmissões independentes, “na mesma noite já era possível ver policiais ateando fogo à própria viatura da corporação” (ERTHAL, 2014).

5.1. Crise de identidade no jornalismo

ALMEIDA E EVANGELISTA (2013) por sua vez abordam questões práticas da diferença entre a cobertura da grande mídia e das NMI, notadamente, a Mídia Ninja. “Além de sigla, o nome supõe uma metáfora, que entendemos como uma relação ao caráter ‘infiltrado’, ousado, imerso e próximo das coberturas”, afirmam os autores. Concordando com percepções já citadas de que pessoas comuns tornam-se comentadoras, replicadoras e produtoras de conteúdo midiáticos, os dois mencionam mesmo uma “crise de identidade” que passa a atingir o jornalismo convencional. Segundo eles, “a amplidão de ‘comunicadores’ não de formação, mas sim de opção, têm afetado os meios de comunicação tradicionais. São inúmeras as vantagens do jornalismo digital”.

Tendo em vista a abrangência que estas expressões midialivristas estão tomando nos últimos meses junto à sociedade, compreendemos que elas



também têm relação com as mudanças estruturais dos meios de comunicação e a própria crise de identidade que atravessa o jornalismo (ALMEIDA e EVANGELISTA, 2013).

Os autores sustentam que a concepção clássica da prática profissional começou a ser influenciada pelo público e pelo mercado quando os usuários das mídias passaram a dominar dispositivos interativos de produção. Essa influência afetou diretamente a prerrogativa da imprensa como mediadora entre os acontecimentos e a população (ALMEIDA e EVANGELISTA, 2013). Decorre daí uma “ressignificação da mídia” e necessária “reformulação de seu discurso” bem como sua “relocalização no espaço de fluxos” e busca de adaptação à “cultura da convergência”, numa citação a Manuel Castells e Henry Jenkins, respectivamente (ALMEIDA e EVANGELISTA, 2013).

5.2. Os Ninja são “nativos digitais”

Não podemos deixar de lembrar o ensaio “Nativos Digitais, Imigrantes Digitais” (PRENSKY, 2001) ao observarmos a abordagem da Mídia Ninja por MORALES, SOUZA e ROCHA (2013), associando o grupo à vivência comunicacional da interatividade e da mobilidade pelos jovens. Os nativos digitais “passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital”, afirma o acadêmico estadunidense, estudioso da educação e das tecnologias. De fato, é esse o perfil suposto dos membros do coletivo comunicacional que estamos estudando, que têm média de idade pouco acima dos 20 anos, como se depreende em LORENZOTTI (2013⁴). De fato, os três autores do artigo “Mídias Digitais e suas potencialidades nos tempos contemporâneos: estudo de caso ‘Mídia Ninja’” afirmam:

Para compreender a identidade dos jovens e adolescentes, a partir da comunicação, faz-se necessário aproximação aos desafios criados pelo mundo globalizado em que, cada vez mais, a cultura da convergência oportuniza a configuração do conhecimento colaborativo, muitas das vezes, compartilhado através da apropriação dos jovens das mídias comunicacionais, principalmente, a Internet e o uso dos celulares, também considerados como ‘dispositivos móveis’.

⁴ Disponível apenas em versão on-line: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos telespectadores.



É extremamente necessário o registro da juventude dos protagonistas das NMI, juventude que marca esse fenômeno midiático cujas consequências afetam toda a sociedade independentemente da idade. Tecnicamente,

o intercâmbio das informações, textos, fotografias e outros elementos conversacionais, de forma constante, através dos dispositivos midiáticos móveis, muitas das vezes no espaço público, a partir de tecnologia *wi-fi*, disponibiliza significativa relevância, quando se inserem nas redes sociais digitais. A convergência gerada através do uso dos *smartphones*, os quais impactam não somente na agilidade no compartilhamento das informações como também reforçam a linha de pensamento de Castells, quando afirma que: “agora temos uma pele *wireless* sobreposta às práticas de nossas vidas, de tal forma que estamos em nós mesmos e em nossas redes ao mesmo tempo” (MORALES et al., 2013)

Não é difícil concordar que os jovens são os mais aptos a realizar tais operações e parecem de fato revestidos dessa *pele wireless*, mencionada acima.

5.3. Hibridismo, mobilidade e tecnologia do tipo “faça você mesmo”

Os autores mencionam ainda o conceito de “hibridismo” associado aos celulares que tira esses dispositivos de uma “analogia simplória” com o telefone. É relevante para a eficácia das NMI o fato de o celular congregar, de forma híbrida, funções de telefone, computador, máquina fotográfica, filmadora, editor de texto, GPS, entre outras, além de ser portátil e conectável às redes sociais mesmo em movimento. O grifo que fazemos na citação abaixo marca o caráter de um trabalho não planejado, típico dos “nativos digitais”, que aprendem habilidades tecnológicas intuitivamente:

No caso do “Mídia Ninja”, sua existência é marcada na rede social digital, porém, com o traço de inserções de vídeos e outras informações jornalísticas, nos tempos da mobilidade. **As transmissões são feitas em grande parte por celulares e dispositivos 4G, mais na base do improvisado do que de um roteiro predefinido.** (Morales et al., 2013).

A citação de Bittencourt (2014), que analisou a cobertura do Mídia Ninja nas manifestações de 2013, visa a evidenciar a espontaneidade do “(...) o uso de mídias do tipo ‘faça você mesmo’ por grupos e indivíduos que se sentem oprimidos pela cultura dominante” (Bittencourt, 2014). Compreendemos esse “faça você mesmo” também como o aprendizado sem que seja necessária uma formação técnica e uma certificação oficial, característica das



NMI acenada na citação anterior. Essa observação lembra, inclusive, Castells, quando fala em “aprender usando” e “aprender fazendo”, construindo a tecnologia: “os usuários apropriam-se dela redefinindo-a” (CASTELLS, 1999).

5.4. Estratégias da mídia independente: uma enunciação coletiva

Outro objetivo da menção ao artigo da pesquisadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) é inserir as ações do grupo entre estratégias de luta e resistência utilizadas por outros coletivos midiáticos denominadas “mídia tática” e “*culture jamming*”. A autora afirma que “a apropriação de diferentes ferramentas de comunicação por movimentos sociais fortalece possibilidades de articulação e estratégias de visibilidade, reconfigurando formas de organização e de ações.

Recuperando práticas ativistas que envolvem o uso de mídias é possível citar, por exemplo, a noção de mídia tática e o *culture jamming*. Garcia e Lovink (1997) definem as mídias táticas pelo uso de mídias do tipo “faça você mesmo” por grupos e indivíduos que se sentem oprimidos pela cultura dominante. Clinio (2013) cita como exemplo ações de ativistas, como veiculação de programas de rádio em transmissores de baixa potência, vídeos feitos com câmeras digitais e distribuídos pela internet e a atuação de programadores de software livre (BITTENCOURT, 2014).

Segundo BITTENCOURT (2014), o termo “mídia tática” identifica “práticas cotidianas como formas de uso empreendidas na fuga da passividade, tendo em vista o fim da massificação de comportamentos”. As táticas buscam alterar os “mecanismos de disciplina” e são utilizadas para alterá-los. O *culture jamming* seria uma estratégia utilizada para romper ou alterar a *cultura midiática mainstream*. Pode ser conceituado como um compêndio de práticas baseadas na sabotagem midiática aproveitando o ruído, que pode ser gerado por diferentes interpretações, bem como táticas como subversão de conteúdos publicitários e a difusão de notícias falsas (BITTENCOURT, 2014).

“Uma enunciação coletiva que opera na lógica das redes sociotécnicas” é a definição dada ao Ninja por D’Andréa (2014) num estudo que procura apontar relações entre produção audiovisual intermediária e a cultura participativa.

Tomemos como exemplo a emblemática cobertura realizada pela Mídia Ninja durante as Jornadas de Junho de 2013. “Armados” com um celular de última



geração conectado a uma rede 3G ou 4G, os repórteres Ninja (um acróstico de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) transmitiram por horas a fio imagens do “olho do furacão”, em especial conflitos entre manifestantes e PMs e ações de “quebra-quebra”. Ao apropriar-se da “mass-self communication” discutida por Castells (2009), a Mídia Ninja – e as várias iniciativas similares que surgiram ao longo das Jornadas – se impregnou “das marcas da incompletude, da indomesticabilidade e, num certo sentido, da *bruteza*” que, conforme aponta Machado (2000), já caracterizou a transmissão televisiva ao vivo (D’ANDRÉA, 2014).

O autor sustenta que diferentemente da TV comercial, roteirizada e planejada, que procura ter o maior controle possível, até sobre as transmissões ao vivo, as emissões independentes levam ao extremo a imprevisibilidade, inclusive, o próprio momento de começar ou terminar uma cobertura. “Imagens amadoras” passam por um agenciamento que “coletiviza” com tecnologia *streaming*⁵ nas redes sociais os audiovisuais produzidos e disponibilizados para espectadores engajados. A má qualidade do *streaming* produz atrativos inusitados. Um deles é a “intensificação do efeito de real”, além da credibilidade testemunhal das gravações, conferida por imagens muitas vezes feitas por pessoas em movimento. “O resultado de todo esse processo é o ‘apagamento’ de uma autoria individual e a consequente complexificação nos modos de disseminação e nas formas de mediação através de redes sociotécnicas. Segundo D’Andréa, emerge daí uma espécie de enunciação coletiva cuja marca é o engajamento, na emissão e na recepção (D’ANDRÉA, 2014).

6. CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo mencionado conceitos básicos a partir de autores clássicos nas investigações sobre a internet, apresentamos o ciberespaço como esfera pública e apontamos a apropriação dessa esfera pelos movimentos sociais, acenando com marcos históricos desse processo. Indicamos em seguida um tipo de movimento social com função específica de democratizar a comunicação, o midialivrismo de massa, com sua evolução digital, o midialivrismo ciberativista. Após tematizarmos a apropriação das tecnologias pelos coletivos e indivíduos,

⁵ “A tecnologia *streaming*, ou de fluxo contínuo, veio resolver um dos problemas mais sérios dos usuários de mídia digital no computador (áudio ou vídeo): o tempo de espera para completar o download. Na prática, o *streaming* permite que o usuário vá acompanhando o conteúdo enquanto o download se processa pois baixa o arquivo por partes, executando as já percebidas ao mesmo tempo em que faz o download das seguintes (TRIGO-DE-SOUZA, 2003)”. Acrescentamos que a espera do download da parte ou pacote seguinte gera um *delay*, um atraso que prejudica a qualidade da transmissão.



destacamos, finalmente, como objetivo específico deste artigo, o impacto das narrativas midiáticas independentes sobre a mídia convencional, particularmente, o impacto da Mídia Ninja sobre o jornalismo brasileiro.

Por meio das autoras e autores pesquisados, situamos a atuação do grupo durante as Jornadas de Junho no contexto “jornalismo pós-industrial”, relacionando as relações do Ninja com uma bem determinada “crise de identidade” do jornalismo convencional. A própria prática profissional jornalística passa a ser questionada na medida em que usuários outrora passivos passaram a dominar dispositivos interativos de comunicação. O papel mediador do jornalismo foi afetado, colocando na agenda dos veículos a “ressignificação da mídia”, a “reformulação de seu discurso”, a sua “relocalização no espaço de fluxos” e a busca de adaptação à “cultura da convergência”.

O papel dos jovens como “nativos digitais” também foi evidenciado entre os estudos analisados, bem como o conceito de “hibridismo” associado aos celulares: suas múltiplas funções interativas e disseminadoras de conteúdo informativo. Também frisamos o uso “artesanal” e nem por isso menos eficiente dos dispositivos tecnológicos pelos “nativos”, aproveitando a mobilidade em tempo real. As ações da Mídia Ninja foram identificadas com estratégias de luta e resistência já utilizadas em outras manifestações ao redor do mundo. Outras noções relacionadas ao coletivo midiático estudado foram um distanciamento da TV comercial, também no que se refere ao planejamento e à roteirização, incluindo até mesmo certo amadorismo; porém com um agenciamento coletivo, apagamento da autoria e engajamento tanto na emissão quanto na recepção. Como fatores de atração dessas imagens, figuram o efeito de real e a carga testemunhal.

Nosso levantamento não ocupou-se do questionamento sobre o nível de “independência” do Mídia Ninja quanto à sua ligação com o Circuito Fora do Eixo, que por sua vez disputa financiamentos governamentais para políticas públicas. Nem tampouco verificamos as críticas ao Circuito relativas à formação dada aos seus militantes, nas chamadas “Casas Fora do Eixo”; bem como denúncias de artistas que se sentiram lesados pelo FdE. Mesmo se relevantes, essas investigações fugiriam ao nosso escopo de registrar a produção acadêmica acerca do fenômeno Mídia Ninja em si, merecedora de registro e estudo por sua independência inquestionável com relação aos grandes grupos de comunicação. Um fenômeno que, não obstante seus envolvimentos políticos (e mesmo com eles) já representou um marco



em nosso país, na reformulação histórica pela qual está passando o próprio jornalismo como instituição.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago; EVANGELISTA, Amanda. Tecnologias móveis, mídias independentes e coberturas de mobilizações sociais urbanas: as influências do “midialivrisimo” na sociedade midiaticizada. *In: Anais do Colóquio Semiótica das Mídias. III COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS.* 2013, Japaratinga (AL). Disponível em: <http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/index.php/edicao-atual/94-tecnologias-moveis-midias-independentes-e-coberturas-de-mobilizacoes-sociais-urbanas-as-influencias-do-midialivrisimo-na-sociedade-midiaticizada>. Data de acesso: 12/07/2014.

BELIZÁRIO, Adriano. *et alii*. Midialivristas, uni-vos! *In: Lugar Comum*, Nº 25-26. Rio de Janeiro: UFRJ, dezembro 2010. pp. 137- 141.

BITTENCOURT, Maria Clara. A midiaticização do ativismo nas coberturas do G1 e do Mídia Ninja. *In: Dossiê*, vol.11, Nº 30. São Paulo: jan/abr. 2014, p. 83-105.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede. A era da Informação: Economia, Sociedade, Cultura.* V. 1. 6ª ed. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

D'ANDREA, Carlos. Conexões intermediáticas entre transmissões audiovisuais e redes sociais online. *In: XXIII ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO*, 2014. Belém (PA). Disponível em: http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT01_COMUNICACAO_E_CIBERCULTURA/_artigodandreamcompos2014_2130.pdf. Data de acesso: 18/08/2014.

DINIZ, Lilia. O jornalismo em tempo real da Mídia Ninja. *In: Observatório da Imprensa*, Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_jornalismo_em_tempo_real_da_midia. Data de acesso 22/07/2014.

ERTHAL, Ana Amélia. O jornalismo tradicional e as narrativas independentes: O caso da cobertura das manifestações populares de 2013 no Brasil. *In: Central de Cases ESPM*, Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Desktop/jornalismo_tradicional.pdf. Data de acesso: 20/07/2014.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *O que é o virtual*. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LORENZOTTI, Elisabeth. POSTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores. *In: Observatório da Imprensa*, disponível em:



http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_telespectadores. Data do acesso: 13/06/2014.

MAZOTTE, Natalia. Jornalistas independentes da mídia ninja ganham atenção. *In: Observatório da Imprensa*, disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed757_jornalistas_independentes_da_midia_ninja_ganham_atencao. Data de acesso: 21/06/2014.

MAIA, Rousiley. Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERNET, DEMOCRACIA E BENS PÚBLICOS*, 2000, Belo Horizonte (MG), disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Democracia+e+a+internet+como+esfera+publica+virtual%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Democracia+e+a+internet+como+esfera+publica+virtual%20(3).pdf). Data de acesso: 05/06/2014.

MITTMANN, Solange. A apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais. *In: III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO*, 2009, Belo Horizonte (MG), disponível em: <http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/a/a-apropriacao-do-ciberespaco.pdf>. Data de acesso: 12/07/2014.

MORALES, Ofélia.; ROCHA, Paula; SOUZA, Carlos Alberto. Mídias Digitais e suas potencialidades nos tempos contemporâneos: estudo de caso “Mídia Ninja”. *In: Ação Midiática*. Nº 6. 2001. Curitiba: UFPR, 2013, disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/acaomidiatica/article/view/33737>. Data de acesso: 21/07/2014.

PARENTE, Renata. Do midialivrisimo de massa ao midialivrisimo ciberativista: uma reflexão sobre as perspectivas de comunicação alternativa no Brasil. *In: XXIII ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS)*, 2014, Belém, disponível em: http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT02_COMUNICACAO_E_CIDADANIA/domidialivrisimodemassaaomidialivrisimociberativista_rebataescariaoparente_compos2014_2148.pdf. Data de acesso: 15/6/2014.

PRENSKY, Mark. Nativos digitais, imigrantes digitais. *In: NCBUniversity Press*, Vol. 9, Nº. 5, 2001. Roberta de Moraes Jesus de Souza, disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1XXFbstvPZIT6Bibw03JSsMmdDknwjNcTYm7j1a0noxY/edit?pli=1>. Data de acesso: 17/07/2014.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TRIGO DE SOUZA, Lígia: Rádios.Internet.br: O rádio que caiu na rede... *In: Revista USP*, Nº 56. São Paulo: USP, dezembro/fevereiro 2002-2003, p. 92-99.

URQUIDI, Vivian. Apropriação e Novas Tecnologias. *In: Intercom Papers*, 2003, disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/errata2003/apropriacao_novas_tecnologias.pdf. Data de acesso: 29/06/2014.